



# NÔ PINTCHA

ÓRGÃO DO MINISTÉRIO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA

TELEFONES: 3713/3726/3728

BISSAU

## CRIADO FUNDO DO FOMENTO FLORESTAL

O Conselho de Ministros decidiu, na sua reunião de quarta-feira passada, criar o Fundo do Fomento Florestal, destinado a acorrer aos encargos que visem

a valorização qualitativa e quantitativa do património florestal.

Nesta reunião, dirigida como habitualmente pelo Comandante Nino Vieira, Presidente do Conselho da Revolução,

foi aprovada a nomeação do engenheiro Mussá Djassy para o cargo de Secretário-Geral do Ministério dos Transportes, Turismo e Telecomunicações.

O Conselho de Ministros ouviu ainda o camarada Joseph Turpin, Ministro do Comércio, sobre a nomeação de novos responsáveis para as empresas e decidiu indicar, a título pró-

visório, o camarada Lobo de Pina, actual director da Socomin, para a direcção dos Armazéns do Povo e o camarada Emilio Paquete, para director da Socomin.

## MENSAGEM PARA REAGAN

O Presidente norte-americano Ronald Reagan encontra-se já livre de perigo após um atentado de que foi vítima na segunda-feira à tarde na capital dos Estados Unidos. O autor do atentado, um jovem de 25 anos, foi imediatamente detido pelos elementos da segurança do Chefe Executivo da Casa Branca.

Entretanto, o camarada Comandante de Brigada, João Bernardo Vieira, Presidente do Conselho da Revolução enviou um telegrama ao Presidente americano no qual manifesta a «sua indignação pelo atentado de que foi vítima e os seus colaboradores directos».

O telegrama que foi ainda dirigido em nome do povo da Guiné-Bissau, Governo e do Conselho da Revolução deseja ao Presidente Reagan rápidas melhoras, a fim de retomar a «condução da nação americana».

## ENTREGA DE CREDENCIAIS

O Comandante de Brigada e Presidente do Conselho da Revolução, João Bernardo Vieira, recebeu, no fim da tarde de quarta-feira, no Palácio da República, numa breve cerimónia protocolar, as credenciais do senhor Thah Habib, actual Embaixador Extraordinário e Plenipotenciário da República Árabe do Egipto junto ao nosso Governo.

Recorde-se, entretanto, que o senhor Thah Habib substituiu neste posto o senhor Mohamed Molla, que recentemente foi chamado ao seu país para ocupar outras funções.

Estiveram presentes nesta cerimónia os camaradas Filinto Barros e Manuel Santos, respectivamente ministro de Informação e Cultura e ministro dos Transportes, Turismo e Telecomunicações.

## CANTCHUNGO: NOVO HOSPITAL



(ver pág-8)

## ABERTA LINHA DE CRÉDITO COM PORTUGAL

Um protocolo de acordo para abertura de uma linha de crédito no valor de 4 milhões de dólares foi antontem assinado entre a Guiné-Bissau e Portugal. Pelo nosso país, assinou o camarada José Lima Barber, Vice-Governador do Banco

Nacional da Guiné-Bissau, na presença do camarada Ministro Governador, do BNG, Victor Monteiro, e do lado português assinou o sr. José Mascarenhas, Administrador da Caixa Geral dos Depósitos de Portugal.

Este é o segundo acordo firmado entre as duas instituições, já que o primeiro, válido só para um ano, datava de 1978. O acordo agora efectivado servirá para o financiamento de importação quer de bens de consumo, bem como medicamentos. Ao que

conseguimos apurar, o prazo para liquidação do referido montante será mais ou menos amplo, conforme a importância do sector onde for empregue. Portanto, sete anos para bens de consumo, e nove meses para bens de medicamentos.

## PAIGC NO CONGRESSO DO MDP/CDE

AS ILHAS CARECEM DE MAIOR APOIO

ver (pág-8)

## VI ANIVERSÁRIO "NP" - CONFRATERNIZAÇÃO E MEDITAÇÃO

Num ambiente de convívio, confraternização (e não só, também o desporto não faltou), os trabalhadores do «Nô Pintcha» reuniram-se no passado fim de semana em Bubaque, para assinalar mais um aniversário do jornal. À guisa de discursatas, ficou mais uma vez reafirmada, pela voz do responsável do nosso trissemanário, a disponibilidade de se melhorar quantitativa e qualitativamente o «Nô Pintcha» ao serviço do povo e de uma informação de participação.

Se para tal, as mínimas infraestruturas de que dispomos ajudarem, o leitor poderá

esperar (e é nossa intenção), uma sensível melhoria do «Nô Pintcha» ao longo do percurso que nos separa do sétimo aniversário. O jeito de matraquear, a força de vontade e o gosto pela aprendizagem, e também a ambição (porque não?), nunca constituíram barreiras para os jornalistas deste jovem jornal.

Bubaque, este ano e pela primeira vez, foi não só um lugar de repensar tudo o que foi feito, como serviu para desanuviar as nossas mentes. Isso foi possível — e não podíamos deixar de assinalar nesta breve prosa — graças à contribuição do ministério das Forças

Armadas, na pessoa do seu responsável máximo, em especial. O nosso reconhecimento estende-se ainda aos camaradas pilotos, amigos da rica jornada.

Aos nossos convidados, os ministros Mário Cabral, Filinto Barros e o director-geral Agnelo Regalla, o nosso reconhecimento pela forma como aceitaram partilhar aquele momento encorajando-nos com a sua presença. Aliás, do encontro ficou uma coisa: a informação nesta nova etapa, vai merecer do Governo atenção e ser-lhe-á atribuído o lugar que deve ocupar no desabrochar de uma consciência nova.

## Limpeza das ruas

Não sei se as pessoas já tiveram oportunidade de reparar mas, parece-me que a cidade de Bissau está a ficar com nova cara, quer dizer, está a ficar mais limpa.

Apesar de ainda não retirarem todo o lixo dos recipientes, pois é uma coisa que tem que ser feita todos os dias, muito cedo, de manhã, já se vêem os varredores a limparem algumas ruas.

Isso de facto já é bom porque a nossa capital estava completamente infestada de lixo e sujidade, o que lhe dava um aspecto horrível e pouco saudável.

Há pessoas, as bastante viajadas que dizem que Bissau era das cidades mais limpas da costa Ocidental de África. Não sei se isso é verdade, mas a capital era limpa e bem arranjada. Não sei o que se passou depois com o Comité de Estado do Sector Autónomo de Bissau, mas passamos a não ver os carros que diariamente tiravam lixo dos recipientes e as pessoas a varrerem as ruas.

Se recordarmos, houve uma série de críticas por parte do jornal «Nô Pintcha» o que levou o Comité de Estado a esclarecer que não tinha veículos disponíveis para este tipo de trabalho e os que utilizavam antigamente não estavam já em condições. Mas, quanto a mim, isto nunca foi desculpa. Podemos recorrer a várias maneiras para limpar a cidade. Por exemplo, os Armazéns do Povo, e o Ministério das Obras Públicas, Construções e Urbanismo têm vários camiões que podem emprestar ao Comité de Estado para solucionar este problema.

O que não se pode é desleixar só porque não há meios. O aspecto de uma cidade reflecte o asseio ou o desleixo dos seus habitantes.

Não sei se por estarem fartos de críticas que os responsáveis do Comité de Estado do Sector Autónomo de Bissau estão já a dar alguns passos para diminuir toda a sujidade. Mas é preciso fazer ainda mais e não parar porque, todos temos que velar pela saúde de cada um. Uma cidade suja é doentia porque o lixo é portador de doenças geralmente infecciosas.

SONA MAWA

## Bafatá: Diplomata nigeriano evoca Cabral

«Não é por acaso que a minha primeira visita oficial ao interior da Guiné-Bissau se destinou à Bafatá. Esta cidade evoca a memória de um africano cujo nome permanecerá sempre indelével na memória daqueles que lutaram e dos que ainda lutam pela libertação dos seus países das cadeias do colonialismo e do «apartheid» — afirmou o encarregado de

negócios da Embaixada da Nigéria, durante uma pequena cerimónia em Bafatá, no quadro da divulgação cinematográfica do 2.º festival africano de Arte e Cultura, (FESTAC), realizado em Lagos, em 1977.

O Representante da diplomacia nigeriana referia-se nessa sua intervenção, à personalidade de Amílcar Cabral que, por ter nascido em Bafa-

tá e sobretudo pela imagem de lutador africano e de todos os povos oprimidos, foi motivo das calorosas homenagens do Governo e do povo nigeriano, apresentadas aos filhos daquela cidade do leste guineense.

Nós na Nigéria, como sabeis — acentuou ainda o diplomata nigeriano — estamos irrevogavelmente empenhados na extirpação total de todas

as formas do imperialismo e opressão na África. Foi por isso que apoiamos firmemente o falecido Amílcar Cabral durante a vossa luta de libertação. Somos ainda vossos amigos e nunca poderemos atrair ao lado dele em quem Amílcar Cabral acreditou: ele era contra todas as formas de opressão no Continente Africano».

## Seminário de formação política

«O PAIGC, Força Política Dirigente da Sociedade e os Acontecimentos do 14 de Novembro», foi o tema inaugural do seminário de superação política e ideológica, promovido pela Juventude Africana Amílcar Cabral. Este tema foi abordado pelo camarada Filinto de Barros, ministro da Informação e Cultura, na noite do dia 31 de Março findo, no

Secretariado Geral do PAIGC, em Bissau. Este seminário terá a duração de seis meses e contará com a participação dos jovens em geral, com sessões semanais na sede do PAIGC.

Secretariado Geral do PAIGC, em Bissau.

Este seminário terá a duração de seis meses e contará com a participação dos jovens em geral, com sessões semanais na sede do PAIGC.

## Bolama: Bairro para trabalhadores

A fim de negociar com o Comité de Estado o projecto sobre o antigo prédio de Benfica e estudar a possibilidade de construção de Bairros para os trabalhadores de Bolama e construção de uma colónia de férias na praia de Ofir, esteve no passado dia 30 em Bolama, uma delegação do

Instituto Nacional de Seguros, chefiada pelo sociólogo Victor Pinto Pereira, chefe dos serviços de apoio social. A delegação que integrava também dois economistas e dois arquitectos foi recebida pela camarada Francisca Pereira do Comité de Estado da Região de Bolama-Bijagós.

Depois de terminar o encontro de trabalho, a camarada Francisca Pereira, acompanhado pelo camarada Filipe Vieira, secretário regional do Comité de Estado, acompanhou a delegação, numa visita a todas as obras em construção na cidade de Bolama.

## FAO estuda produção alimentar

Para participar numa reunião sobre segurança alimentar, que decorrerá de 8 a 15 de Abril em Roma, partiu ontem para aquela capital, o ca-

marada eng. Carlos Silva (Pepito), chefe do Departamento de Experimentação e Produção de Arroz, (DEPA).

Esta reunião organi-

zada pela FAO, tem como principal objectivo estudar os problemas relacionados com a situação da produção alimentar mundial.

## Cinema francês

O Centro Francês de Cooperação Pedagógica e Cultural em Bissau, organiza uma exposição, de 6 a 18 de Abril, intitulada «80 Anos de Cinema Francês» e um festival de Cinema Francês dos anos 70, que decorrerá de 6 a 15 do mesmo mês.

Estas duas exposições terão lugar na Biblioteca do Centro, na Avenida Domingos Ramos.

Na segunda-feira, 6 de Abril decorrerá o filme: «Gala», com Alan Delon. Terça-feira dia 7, decorrerá o filme «Flic Story», com L. Velle MGalabru, R. Hanin C. Auger e J. Mills.

## Responde o povo

# Como acha que o problema Guiné-Cabo Verde deve ser resolvido?

Com a criação unilateral do PAICV, torna-se nítido aos olhos do mundo que o projecto da unidade da Guiné e Cabo Verde já não se concretiza. Mas o facto não impede o desenvolvimento dos esforços do CR para a discussão a sério do problema da existência do Partido de Cabral — PAIGC, sem necessidade de encontros em países estrangeiros. Ultimamente, as declarações de dirigentes caboverdianos à Imprensa estrangeira deixam indícios de se encontrarem num enigma, num abismo, mostrando um certo recuo em relação às posições duras dos primeiros dias. Contudo, os dirigentes de Cabo Verde continuam a temer o diálogo franco em Bissau, onde o problema do Partido se gerou. Que pensa o público da capital sobre o contencioso?

### É PRECISO O DIÁLOGO

Antónia Teixeira, 24 anos, professora — «Como todos nós sabemos, houve depois do 14 de Novembro, uma ruptura nas relações com a República de Cabo Verde, o que posso dizer, contra a vontade do povo guineense, porque acho

que nunca passou pela cabeça dos nossos dirigentes e do nosso povo, cortar relações com Cabo Verde. É um país nosso irmão, isso não podemos negar, com o qual temos muitas coisas em comum. Como já foi mais que esclarecido, com o 14 de Novembro mostrámos que queremos unidade sim,

mas na igualdade e no respeito. Os dirigentes caboverdianos não aceitaram isso, tentando demonstrar que traímos o pensamento de Amílcar Cabral, e decidiram, além de cortar relações, fundar outro Partido ainda mais estranho. Mesmo que não seja possível retomar as relações a nível de Partido, porque o 14 de Novembro é irreversível e os dirigentes caboverdianos afirmam que também é irreversível a criação do P.A.I. C.V., penso que é preciso o diálogo para se poderem retomar as relações a nível de Estado».

### NÃO PODEMOS FORÇAR A UNIDADE

Jorge Embaló, 38 anos, trabalhador do

porto — «Até este momento condeno a atitude de Aristides Pereira e dos seus colaboradores. Acho que eles fizeram muito mal em interpretar o 14 de Novembro desta forma. Nós nunca podemos estar contra os caboverdianos porque, como os filhos da Guiné, há bons e maus. Mas penso que se eles não querem nada conosco, devemos ignorá-los também. De facto, era bonito se conseguíssemos fazer uma unidade coesa com Cabo Verde porque assim tornávamo-nos muito mais fortes para combater o inimigo que é comum, que quer travar o nosso desenvolvimento. O camarada Nino, tem tentado estabelecer conversações com Cabo Verde, mas dá-me a en-

tender que o Governo caboverdiano não quer o mesmo, porque dizem que somos aventureiros. Também não podemos forçar ninguém a unir-se conosco».

### UM PROBLEMA COMPLEXO

Serifo, 20 anos, estudante — «O problema do rompimento das relações entre dois países independentes e que era dirigido pelo mesmo Partido — o PAIGC, não deve ser analisado de maneira superficial porque é bastante complexo. Antes da criação do PAICV, tudo indicava que os dirigentes de Cabo Verde iam cedêr a vir a Bissau, constatar

a realidade que levou ao 14 de Novembro e aceitar que era necessário o Movimento. Mas neste momento, de facto não sei como vai ser possível reatar as relações. Não sei o que vai na cabeça de Aristides Pereira mas, o camarada Nino Vieira pensa que só em Bissau é que o problema poderá ser resolvido porque o nosso país é que é o palco dos últimos acontecimentos que originaram tudo isto. Parecendo que não, é um processo difícil, em que eu me recuso a avançar para não cair em erros que podem mesmo prejudicar o caminho que está a ser percorrido para que seja possível uma relação fraterna, de amizade e de cooperação».

# A Informação que queremos

● Por Nando Kuiaté ★

«... ONTEM O DJIDIU ERA UMA ESPÉCIE DE JORNALISTA, UM CONSERVADOR DE MUSEU, CONSERVADOR DO PRESENTE QUE DELEGOU A GERAÇÃO SEGUINTE. HÁ NOS NÓS PAÍSES ORGANISMOS DE PESQUISA DA TRADIÇÃO ORAL, QUER DIZER QUE ESTA TRADIÇÃO DESAPARECE E QUE O CINEASTA DEVE SUBSTITUI-LA. É, PORTANTO, O DJIDIU DE HOJE, MAS DEVE TER O DIREITO DE AUTOR, QUER DIZER A LIBERDADE DE EXPRESSÃO QUE ERA A DELE: DE DIZER A QUALQUER UM: TU ÉS MENOS OU MAIS BRAVO QUE O TEU ANTECESSOR...» (Oumarou Ganda, cineasta nigerino).

Aproveitando a passagem do sexto aniversário da publicação do jornal «Nô Pintcha», quiz ter o privilégio de escrever para as suas colunas, a fim de prestar a minha modesta contribuição para um maior conhecimento e valorização da missão política e social que compete ao jornalista no nosso país.

Um dia, um responsável teve a ligeireza de afirmar que não havia jornalistas na Guiné-Bissau. Visto num ponto de vista puramente académico, esta afirmação corresponderia a verdade. Mas já não terá qualquer sentido, se considerarmos que jornalista é, antes do mais, aquele trabalhador possuidor de um alto grau de consciência de toda a realidade nacional, quer nos domínios político e económico, como no cultural e social.

Este nível de consciência é, quanto a mim, a mais elementar exigência que lhe impõe a sua função de informar e formar. Assim sendo, considero que o maior resultado conseguido pelos jornalistas guineen-

ses, nestes poucos anos de Informação na independência foi, precisamente, o terem realizado, simultaneamente, a descida aos «infernos» e a subida ao «paraíso» da realidade nacional.

Julgo que conseguimos, até aqui, forjar um certo tipo (uma ideia) de jornalismo, perfeitamente identificável com as tradições da nossa luta, com os valores defendidos pelo PAIGC e com as aspirações do nosso povo. Embora — é justo reconhecê-lo — não tenhamos dado sempre a profundidade necessária a muitos dos nossos trabalhos, e silenciámos aspectos e acontecimentos importantes da vida do país.

Isso valeu-nos, entre alguns círculos, uma reputação de conformistas, que estamos longe de possuir. A simplicidade que caracteriza a maior parte dos nossos artigos justifica-se plenamente no momento histórico em que vivemos.

Outros criticam-nos, com razão, a escassez (ou mesmo ausência) de informação cultural. No entanto, sem querer des-

culpar as nossas insuficiências (inevitáveis), teremos que reconhecer que na Guiné-Bissau, a Informação (uma conquista da luta armada de libertação) está, por razões financeiras e materiais, impossibilitada de desempenhar cabalmente o seu papel de motor do desenvolvimento, no sentido global do termo. Por outro lado, os imperativos da cooperação internacional, e o «jogo» diplomático foram e continuam sendo um difícil obstáculo, quando tentamos a abordagem directa e clara de várias questões.

Tal situação condicionou um tipo de informação, onde a ausência de análises e de propostas é gritante, privilegiando uma escrita insinuante, sem chegar no fundo a denunciar ou criticar. Pessoalmente, considero que contornar este obstáculo, é um desafio que se nos coloca, sem que implique a queda numa linguagem estereotipada, susceptível de cansar o leitor ou o ouvinte.

## O «14 DE NOVEMBRO» E A INFORMAÇÃO

Como não podia deixar de ser, a Informação não escapou à influência do Movimento Rectificador do «14 de Novembro». O jornalista engajado não podia deixar de aperceber-se da dimensão do drama plurifacetado em que se debatia o país.

No espírito de muitos

deles pairava constantemente a sombra da dúvida, acerca de episódios «escuros» da luta armada, a morte do Domingos Ramos e de Osvaldo Vieira, o assassinato de Cabral. Experimentaram a angústia de questionar (por pensamento) a interpretação oficial do princípio da unidade de Guiné-Cabo Verde. Ouviram desabafos patéticos de alguns desconsolados com a reconstrução nacional (nomeadamente a repressão da vontade popular em Empada), escutaram confidências ingénuas (onde sempre encontraram uma ponta de verdade) sobre muitas coisas que não iam bem na nossa terra. E a fome, essa realidade palpável na altura, muitos deles a passaram.

Na redacção do «Nô Pintcha», por exemplo, a discussão popular do ante-projecto da nova Constituição foi intensamente vivida. Lembrome ainda do debate animado que se instaurou, em plena sala de trabalho, entre o comissário da Informação na altura e o responsável do jornal, a propósito de um dos pontos polémicos da Constituição, particularmente o que se referia à concentração de poderes nas mãos do presidente do Conselho de Estado. O comissário e o seu subordinado tinham pontos de vistas opostos e nenhum chegou a convencer o outro.

O dilema maior era

este: como dar a conhecer a reacção popular ao ante-projecto sem pôr o Partido em causa? Como denunciar a corrupção e a negligência em muitas empresas estatais sem entrar em choque com o Estado, embora num e noutro caso, o Partido e o Estado resumiam-se a uma escassa minoria de indivíduos ou mesmo a uma pessoa ou duas. Contudo, um tanto paradoxalmente, suponho que a experiência valeu a pena.

Hoje, com as perspectivas abertas pelo «14 de Novembro», julgo estarmos em condições de exigir maior liberdade de trabalho para os quadros da Informação, e mais receptividade da parte das fontes de informação. Muitos erros resultantes dos maus hábitos e da mentalidade colonial podem ser evitados, caso a Informação tenha a liberdade de criticá-los com a devida antecedência. A formação do «homem novo» do futuro só é possível com a correcção do homem do presente.

A construção de uma economia forte e independente coloca-nos exigências de carácter ideológico e moral, assim como uma elevada consciência patriótica. Ultimamente, os nossos dirigentes têm sublinhado a necessidade do espírito de sacrifício e de patriotismo perante os problemas que a Guiné-Bissau enfrenta, que também deve-se acompanhar do saber e da competência. Neste quadro, a Informação tem um papel privilegiado a desempenhar.

Para realizarmos com eficácia a nossa missão, isto é, corresponder aos anseios do povo, não po-

demos limitar-nos a ser apenas os porta-vozes do Governo. Convém que façamos igualmente a crítica e autocritica desse Governo. O que implica um mínimo de autonomia, quer dizer, a possibilidade de inter-pretarmos, com a nossa própria cabeça, rejeitando o jornalismo tipo «menino de recado».

Deixamos, claro, desde já, que a liberdade que reivindicamos, situa-se no âmbito dos esquemas políticos que regem a nossa sociedade, e para cuja aplicação na prática, queremos contribuir. Se tal responsabilidade nos for confiada, significa então que teremos que dar provas de lucidez. Somos obrigados a uma superação constante. Devemos ainda ter uma imaginação criadora, talvez até visionária, sem transpôr os limites que a objectividade impõe.

O jornalista precisa igualmente de alguns estímulos materiais, para poder estar ao abrigo de certas tentações indignas da sua profissão. É que o nosso país, apesar dos seus modestos recursos, é alvo de cobiça, ou pelo menos tentam fazer dele um elemento, dum vasto jogo de influências, no qual a Informação é o ponto privilegiado de penetração.

Termino, desejando que num futuro próximo, o «Nô Pintcha» tenha condições para ser um jornal diário, a fim de puder fazer a esta «febre» de conhecer e de se informar que parece se ter apoderado dos guineenses após o «14 de Novembro».

\* Nando Kuiaté (trabalhador do «Nô Pintcha»).

## O cooperante aos Leitores: Respeito, ouviram?

Respeito, ouviram? Estes homens, são do melhor que há. Estes jornalistas, são do mais honrado que conheço

vertência amigável do chefe de Redacção do meu jornal em Lisboa, tentando dissuadir-me da cooperação com a Guiné-Bissau, decisão

que não valeu.

Um ano ainda não passou. E, profissionalmente, já muito me valorizei.

Aprendi. Aprendi o

avariadas. Da composição manual. Aprendi o jornalismo feito a pé, debaixo da chuva torrencial, sob o calor sufocante, porque não havia uma só viatura. Aprendi o jornalismo feito com fome, como estes camaradas o fizeram, num tempo doloroso e recente.

Aprendi, ao fim, o jornalismo militante e empenhado. De sacrifício permanente. De emocionante entrega. E sempre, sempre de dignidade absoluta.

O jornal que estes jovens lançaram, há seis anos, o «Nô Pintcha», enferma, hoje ainda, de deficiências e limitações que seria ridículo pretender escamotear.

Este não é, de facto, o Jornal possível. A capacidade dos jornalistas, o esforço constante de su-

peração que evidenciam, o compromisso que diariamente aceitam de melhorar a informação devida ao Povo, constituem garantias de que, ao seu alcance, está algo de muito, muito superior.

Este não é o Jornal possível. Mas, devo dizer, e quero dizer: com as deficientes condições de trabalho que perderam, com a falta de meios que persiste, este é, agora, aqui, o Jornal mais do que é possível. A qualidade e a seriedade que apesar de tudo — e contra muito — já atingiu, colocam o «Nô Pintcha» bem acima do nível que pareceria ter-lhe sido destinado.

Finalmente, pudemos supor abertas perspectivas novas para o nosso Jornal. Renasce a esperança de que o «Nô Pintcha» venha a assumir,

em breve e por inteiro, a importância que lhe cabe na Reconstrução desta terra mártir, na edificação da Sociedade Nova e Limpa sonhada por Cabral.

Mais não querem os jornalistas.

Até lá, eles continuarão a fazer este Jornal.

Com falhas e deficiências, que procuram, em cada edição, ultrapassar.

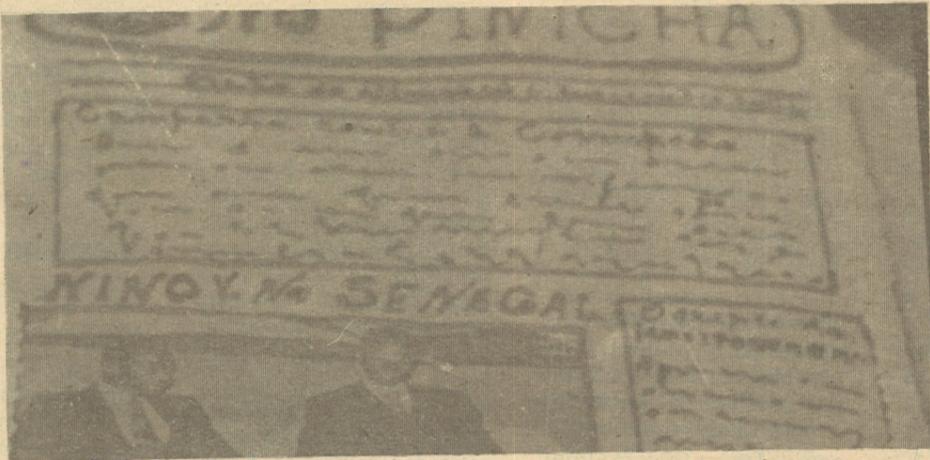
E sempre com modéstia. Sempre com abnegação. Sempre com Honra.

Muito respeito, ouviram?

O Jornal que estes homens fazem é mais do que o jornal que podia ser-lhes exigido.

Este Jornal é um exercício de militância.

Este Jornal é um acto de patriotismo.



Para os camaradas do «Nô Pintcha», muito, muito respeito. Eles merecem-no.

Ainda não correu um ano. Recordo a ad-

que, entusiasmado, eu de há muito assumira.

«Vais estagnar profissionalmente!» Este, o aviso que ficou.

Este, afinal, o aviso

jornalismo da falta de esferográficas, da falta de papel, da falta de máquinas de escrever, da falta de máquinas fotográficas. Das «Linotypes»

# Guiné-Bissau - Que Pa...

## ÍNDICES DE PREÇOS (2)

	1975	1976	1977	Q.1 1978
1. Na importação	100	116,9	140	162
2. No produtor agrícola	100	100	104,6	110
3. No consumo de produtos Imp.	100	138,3	164,9	200
4. Consumidor	100	132,7	155,8	187

FONTE: CECIA

Os últimos cinco anos demonstraram que pode existir um discurso teórico revolucionário e correcto articulado a uma prática política que lhe é contraditória. A fundamentar tal tese o leitor poderá socorrer-se das conclusões do 3.º Congresso em matéria económica e a evidência dos projectos Industriais postos em marcha, assim como o quotidiano do consumidor guineense.

Parece-nos que se clarificou a verdadeira natureza dos problemas nacionais no plano económico. Isto é, não basta enunciar objectivos de extrema generalidade tais como: — romper com o subdesenvolvimento — fazer da agricultura o motor do desenvolvimento — elevar o nível de vida dos camponeses — e tantos outros então fixados: para que magicamente se materializem. A um outro nível analítico, poder-se-ia dizer que, não se ultrapassou o terreno da «Economia Política Nacional» (1), para colocar os mesmos objectivos no terreno da Política Económica de Desenvolvimento (P.E.D.), única capaz de gerar resultados conforme aos objectivos programados.

Vejamos mais de perto este assunto. Quando se fala de acumulação no campo, é porque esperamos que a produtividade agrícola aumente simultaneamente que defendemos os termos de troca entre agricultura e os outros sectores da economia.

O que demonstra a experiência dos últimos anos?

— Os termos da troca entre agricultura e o sector capitalista da econo-

mia nacional evoluíram em prejuízo do campo. Isto é, enquanto que os preços no produtor agrícola aumentaram 10% entre 1975 e 1978, os preços no consumidor (Índice Geral) aumentaram 87% no mesmo período (ver quadro n.º 1 linhas n.º 2 e 4).

— Que a produtividade agrícola aumentou apenas nos casos experimentais. Principalmente porque não houve uma política de Investimento em indústrias de facto-

umentarmos o excedente agrícola é preciso produzir e importar bens com «valor de uso» para os camponeses, tendo em conta o poder de compra dos mesmos.

### OS EFEITOS DA POLÍTICA DE PREÇOS E COMERCIAL

As obrigações sociais do Estado, Saúde, Ensino e Defesa, etc... originam uma pressão permanente no défice do Or-

tre 1975 e 1978 os salários reais deterioraram-se em 50%. Este facto exige que o conjunto de medidas que o Instituto de Seguros e Previdência Social, (I.N.S.P.S.) tem para aprovação, seja desbloqueado quanto antes, porque iria melhorar o rendimento real dos trabalhadores sem que as despesas públicas aumentem, pois I.N.S.P.S. dispõe de amplos recursos não aplicados.

Não é correcto considerar a dimensão e a

sas comerciais públicas) poder-se-ia aumentar os recursos para financiar as Despesas do Estado. Note-se que em 1978 as Empresas Comerciais públicas tiveram cerca de 130 000 contos de lucros e não deram para o Estado nem 7% dos mesmos.

A «pressão fiscal» ocasionada pelos Impostos Indirectos não permite o agravamento destes, pelo que as vias que se nos oferecem para diminuir o défice são limitadas.

A defesa das margens de lucro em prejuízo da estabilidade dos preços está na base das perturbações introduzidas na economia, através do circuito comercial.

Com efeito, enquanto que os preços das mercadorias colocadas no porto de Bissau aumentaram 62% entre 1975 e 1978, os preços dos mesmos no consumidor sofreram um aumento de 100%, durante os mesmos anos (linhas 4 e 3 do quadro 1). Os preços não só aumentaram devido a inflação externa, como ainda sofreram forte pressão inflacionista interna, motivada pela lógica que presidiu a gestão das casas comerciais,

do crédito Bancário f canalizado para o financiamento do défice orçamental, prejudicando a procura de crédito por parte das empresas públicas e privadas.

Segundo as estimativas elaboradas pelo autor, em colaboração com funcionários nacionais do BNGB, o défice da Balança Básica em 1978 foi aproximadamente 1 205 367 000 PG que torna claro qual a natureza do problema e a causa, isto é o défice estrutural.

Nesse quadro todas as medidas possíveis implementar terão efeito a médio prazo.

Apesar disso existe um conjunto de medidas conjunturais possíveis executar, por exemplo a captação de fundos de emigrantes Guineenses, contratação de linhas de crédito ligadas a importação de mercadorias, financiamento externo de investimento, com perfil que mais a frese específica. O financiamento, do défice interno, aponta para recurso imediato das nossas disponibilidades em direitos especiais saque (DES), como principal componente uma vez que, as disponibilidades em moedas estrangeiras são reduzidas. O leitor note que, as medidas de política cambial recomendadas tradicionalmente, desvalorização e restrição sobre as importações conduzirão ao agravamento do défice e tensões sociais adversas.

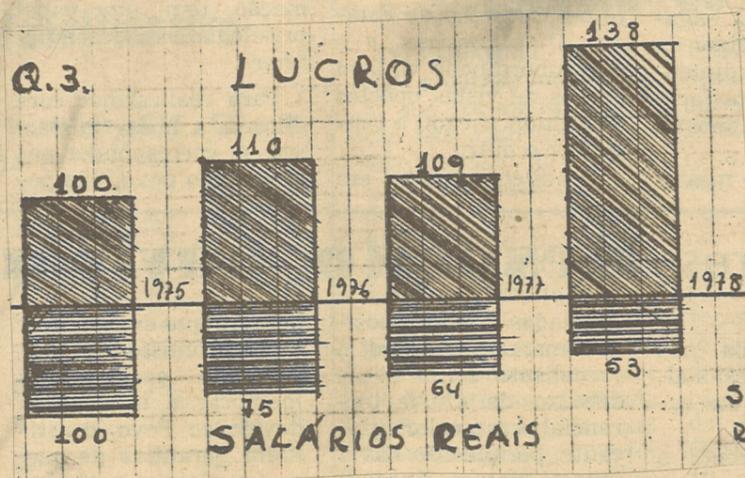
De tudo quanto ficou dito a conclusão, que mais se ajusta é a seguinte:

— Não houve uma política económica de desenvolvimento, pelo contrário as medidas contradiziam-se administrativamente demonstrando incapacidade na coordenação da actividade económica, para além do conteúdo político adverso as amplas camadas da população.

### REPENSAR A GUINÉ-BISSAU

Com o 14 de Novembro os mais dignos consequentes herdeiros da luta anti-colonial souberam interpretar os anseios do povo Guineense e abrir um processo novo.

Porque o direito que assiste a todo o cidadão



res produtivos agrícolas. No plano sociológico é gratuito afirmar que os camponeses são os responsáveis pelo desenvolvimento da Economia Nacional.

Não é possível que uma sociedade pré-capitalista e dependente que é o caso do nosso sector agrícola, faça uma acumulação capaz de permitir o arranque para o desenvolvimento sem que, estímulos económicos e institucionais actuem. Para elevar o nível de vida no campo e

çamento do Estado. Por outra parte, o défice de Balança de Pagamentos é o resultado da distorção entre os sectores económicos, em que a especialização (monocultura de mancarra) é a evidência empírica.

Analisando a estrutura das despesas públicas de funcionamento constatou-se que os salários e os ordenados têm o maior peso. É de registar que os mesmos estão desactualizados apesar dos ligeiros aumentos agora verificados, pois só en-

Jan.-Nov.-1980 - Balança de Pag. - Unid. contos P.G.	
1. Trans. Cor	1.256.884
Mer. (FOB)	-1.413.953
Serv.	74.810
Trenf. Unit.	231.879
2. Op. Cap. M/L Prazos	51.517
Sect. Públ.	51.612
Sect. Priv.	
3. Bal. Básica (1+2)	-1.205.367
4. Op. curto prazo erros	
5. Saldo Op. não Mon. (3+4)	-1.205.367
6. Oper. Sect. Banc.	139.497
Linhas Cred.	78.949
Fac. Cred.	60.548
7. Reservas (1)(2)	1.065.870

(1) inclui variação negativa em meios de pagamentos externos + direitos especiais saque. (D.E.S.)

(2) esta parcela quando tem sinal positivo significa diminuição das reservas.

baixa produtividade do aparelho burocrático como sendo a causa do desequilíbrio orçamental porque para diminuir o défice, não é a política da «dona de casa» que será necessário implementar (redução das despesas), pelo contrário o problema está do lado das receitas. Relançando a actividade económica, conjuntamente com uma melhor gestão dos impostos directos (licença de pescas e tributação sobre lucros das empre-

isto é o aumento da margem de lucro.

Os efeitos perversos da política de preços e comercial afectou não somente o processo de acumulação no campo (ver «Nô Pintcha» n.º 761, entrevista com Engenheiro Mário Cabral) como ainda criou dificuldades às Finanças Públicas, porque com preços mais elevados o Estado tem que gastar mais com bens e serviços, para além dos reflexos na emissão da massa monetária; a quase totalidade

# Ís?

Por Vitor Mandinga ★

de apresentar as suas opiniões sem risco de sofrer penalizações arbitrárias gostaríamos de apresentar os dois problemas que nos preocupam seriamente:

- Projecto de sociedade;
- Programa económico de transição.

Sobre o primeiro ponto urge definir se o que se pretende é um «Petit Cote D'Ivoire ou Senegal» ou ainda uma variante da Guiné-Bissau anterior ao 14 de Novembro.

Os dois primeiros projectos não são viáveis por razões históricas do desenvolvimento do capitalismo mundial, e principalmente porque a nossa pequena burguesia comercial e burocrática não é política, financeira e empresarialmente capaz de liderar um processo semelhante ao que se verificou nos referidos países. Por outro lado a tradição de luta dos camponeses e assalariados urbanos é uma restrição de peso. Note-se que está em voga a ideia de exemplificar o «milagre» da agricultura marfinense ou da abundância de artigos importados no mercado de Dakar. Saliente-se que a iniciativa privada é um factor determinante para sairmos desta crise conjuntural, todavia é de reter que ela terá que ser incentivada no quadro de um programa, de médio prazo com um subprograma conjuntural.

A existência de dois mecanismos funcionais, BNG e Ministério das Finanças, garantem a possibilidade de harmonizar as iniciativas individuais com os objectivos colectivos. Com efeito, o empresário Guineense não tem capacidade de autofinanciamento, recorrendo imperativamente ao crédito bancário, para a prossecução dos seus programas de investimento. Pelo que o sistema bancário pode controlar a doação de crédito. Desde que o projecto para aprovação não tenha efeitos substanciais no aumento de postos de trabalho e no aumento das exportações ou que o período de recuperação das divisas (PRD) gastas com o investimento seja longo, o sistema bancário poderá intervir elevando a Taxa de juro

Simultaneamente a obrigatoriedade de livros contabilísticos permitiria uma melhor gestão aos empresários e a captação de fundos para o Estado.

## O PROGRAMA ECONÓMICO DE TRANSIÇÃO

Temos pois que precisar o nosso projecto social, sobre pena de tomarmos medidas que inviabilizem as nossas aspirações ou de as não tomarmos bloqueando a materialização das nossas aspirações.

Nós estamos na maior crise financeira e económica dos últimos anos e não tem sido dito que o ponto alto da crise está por chegar. Provavelmente se lá chegarmos o lema será salve-se quem puder!!

Gostaríamos de frisar que no essencial o projecto de sociedade dos Combatentes da Liberdade da Pátria continua actual, porque o que os últimos cinco anos revelaram foi a irracionalidade na gestão do Estado e ausência dum plano director das medidas.

É importante julgar civicamente o regime deposto, mas é mais importante actuar enquanto nem tudo está perdido.

É perda de tempo levar a cabo inquéritos e auditorias as empresas públicas e mistas ou ainda reformular os contratos e protocolos financeiros. Estas acções são necessárias, todavia as acções como as tomadas no domínio da prospecção petrolífera revelam a intenção de agir rapidamente de modo a que os tradicionais credores reponham a confiança na nossa capacidade de cumprir os compromissos invertendo a adversidade da crise. Por isso é urgente que se tomem medidas de política industrial e comercial, definindo as áreas públicas e privadas incentivando ou não os projectos, por mecanismos económicos (monetários, fiscais, preços etc.).

Nenhum país, nenhuma organização financeira internacional dar-nos-á um dólar ou rublo sem que os objectivos económicos e sociais sejam fixados e integrados num programa coerente.

Para diminuir o risco e garantir a eficácia do investimento, repondo a confiança internacional no nosso país, teremos que elaborar um programa económico de transição (PET).

A ideia que deverá nortear o PET é a seguinte:

- favorecer o lançamento de pequenas indústrias viradas para as necessidades da agricultura, articuladamente com investimentos de vulto tais como a bauxite e o petróleo e tendo por pano de fundo as indústrias alimentares, de transformação da madeira e as pescas. Assim ao nível da Agricultura o PET deverá preconizar uma política agrária capaz de mover as estruturas nacionais de produção, isto é aproveitar numa primeira fase as disponibilidades de factores produtivos agrícolas importados, canalizando-os para os camponeses e pequenos agricultores independentes, definindo quantidades e espécies da produção vegetal a realizar (alimentar, exportação etc.). Numa 2.ª etapa contará entretanto com a instalação e funcionamento das indústrias de factores produtivos agrícolas a desenvolver no quadro da Política Industrial.

Relativamente ao comércio, as questões colocam-se na redifinição do papel do comércio Estatal.

Continuará este a ser grossista e retalhista ou apenas se limitará a importar os bens essenciais canalizando-os pelo circuito comercial privado e alguns Balcões próprios nas capitais das Regiões. De igual modo no P. E. T. deverá ser redefinido a política de preços, porque a função do Comércio Estatal não é de garantir apenas lucros; estes devem ser obtidos sem que se introduza pressões inflacionista na economia. Assim, as iniciativas devem ser repartidas pelo Estado e particulares, permitindo o controle daquele.

Evidentemente que teremos que desagregar este esboço em projectos concretos ao nível da empresa e adequar políticas parciais (monetários, salariais, fiscais, cambiais), capazes de harmonizar a actividade económica preservando o carácter ideológico e político da sociedade

que queremos construir.

Por outro lado, o serviço da dívida externa irá-se agravar porque não é possível romper com o autoconsumo dum forma consequente apenas com o diminuto autofinanciamento nacional. Note-se entretanto que basear o desenvolvimento apenas nas ajudas ou rejeitar financiamentos por motivos psicopolíticos não nos conduzem a bom termo. Por exemplo, desde da época da guerra fria que a União Soviética e os Estados Unidos transaccionam mercadorias ao abrigo da PL 480. ou ainda a R. P. Moçambique comercializava a bem pouco tempo com a R. racista da África do Sul. A realidade económica não permite que a Guiné-Bissau perda tempo em ortodoxias.

## OS QUADROS TÉCNICOS

Relativamente ao factor humano é possível adequar os técnicos cooperantes para actividades concretas ao mesmo tempo que os técnicos nacionais gozando dessa assistência, preparavam o P. E. T. Caso os actuais técnicos nacionais não cheguem é urgente tomar medidas concretas para que os que se encontram no exterior regressem. Somos de opinião que só através de medidas específicas junto da comunidade Guineense no exterior, tornará possível o regresso em massa dos nossos compatriotas mais experimentados. É necessário de igual modo sanar certos hábitos adquiridos anteriormente e que são incompatíveis com o espírito do 14 de Novembro, pois só na base de confiança técnica e administrativa dos quadros nacionais será possível ultrapassar os problemas que se nos apresentam.

Queremos terminar agradecendo ao jornal «NÔ PINTCHA» por decidir incentivar a participação pública das questões que a todos diz respeito. Saudamos por fim a todos os que dignamente participaram no 14 de Novembro, e daqui aguardamos ansiosamente por ver a Guiné-Bissau desenvolvendo-se dum forma que honre a luta de Libertação Nacional.

\* Economista, licenciado no I.S.E. de Lisboa.

## E agora sou jornalista? Por Barnabé Gomes

Mais um aniversário, o sexto, deste nosso —vosso jornal, e mais ainda, o primeiro depois do patriótico movimento de 14 de Novembro. Todos nós, jovens jornalistas do «Nô Pintcha», tivemos que fazer uma pausa para de facto respirarmos o aroma do papel e descansarmos os dedos de matraquilhar das máquinas já velhas e sem fitas, mas também para meditar sobre as noites passadas sem dormir, descomposturas deste ou daquele para obter notícias... enfim, tudo e mais alguma coisa para garantir a saída do «N.P.», para você caro leitor.

Daí, nasceu em mim a vontade imperiosa, de lhe trazer alguns dados para meditação, neste momento em que você, leitor, dispensa um minuto do seu precioso tempo para pensar no «Nô Pintcha» e nos seus fazedores...

Sim, pensar sobre o que se tem feito para o nosso avanço, para analisar toda a trajectória do pedregoso caminho andado ao longo destes seis anos de existência, e as perspectivas que se vislumbram através dos novos dirigentes, se é que nos consideram jornalistas.

Por isso, e antes de mais, gostaria que me respondesse, amigo leitor, se porventura terei eu errado no caminho quando resolvi, ao sair das cadeiras do liceu, abraçar a carreira jornalística? E agora posso-me chamar jornalista? Pergunto isso tendo em conta o impacto que sofri depois de ter vencido o teste rigoroso que nos foi feito, para conseguir entrincheirar-me na senda de informação, por mim tão ambicionada. De facto, depois conclui que efectivamente não valeu a pena ter escolhido essa ingrata profissão. Primeiro, porque não nos é proporcionada nenhuma condição e somos vítimas de toda e mais uma injustiça; segundo, porque nunca nos é facultado o poder de intervenção. Será que os dirigentes de outrora e alguns de então, não sabem qual é a importância político-social que esta profissão tem? Espero que com os novos dirigentes, tudo se modifique, e que nós, os jornalistas da Guiné-Bissau, possamos usufruir do lugar a que temos direito, e deixemos de ser jornalistas — funcionários ou, pior, ainda, «meninos de recado».

De facto, urge pôr termo ao desrespeito de que sempre fomos vítimas o que nunca esperei dos dirigentes do regime deposto, a tal ponto que um indivíduo com responsabilidade chegou, sem razão, a prender um dos nossos camaradas só pelo simples facto de este lhe ter pedido boleia. O nosso camarada ainda tentou identificar-se, mas este indivíduo retorquiu: «Não quero saber nada do cartão de jornal», acrescentando ainda alguns insultos. Agora perguntou-lhe se devemos ou não ficar frustrados? Apresentámos uma queixa ao Estado-Maior, e nada adiantou. As novas autoridades, também perguntou se vale a pena os jovens que aqui trabalham continuarem a dar o seu esforço, neste sector não pouco importante da vida nacional, nestes moldes?

Seis anos depois de fundação do «Nô Pintcha», aqui estamos, de olhos fitos nos dirigentes do 14 de Novembro, à espera de que seja transformada a situação, para podermos ultrapassar as barreiras que nos tolhem e nos impedem trabalhar mais à vontade, e consequentemente, podermos chamarmo-nos jornalistas. Sim, talvez valerá a pena, e já, sentir a vontade de ser jornalista. Agora e para sempre sentimo-nos animados para escrever, informar o povo martirizado desta terra, sobre os acontecimentos do país e do estrangeiro. Mas escrever sem censuras e sem ter que alinhavar um artigo sob preocupação de não ferir este ou aquela dirigente.

Vamos envidar todos os nossos esforços no sentido de criarmos a nossa Associação de jornalistas que poderá traçar os parâmetros para a nossa vida jornalística, e sairmos da situação de limitações. Realmente, é preciso terminar com esta situação assombrosa que paira sobre nós e modificarmos o nosso tipo de trabalho tanto gráfico como noticioso que pouco tem ultrapassado o relato das chegadas e partidas deste ou daquele dirigente, o que não é nada a nossa intenção.

Parabéns «Nô Pintcha»! Oxalá que metade das tuas preocupações sejam resolvidas para que os leitores também possam sair desta situação, em que, ao cabo ao fim, estamos todos mergulhados.

# Intercâmbio com Guiné-Conakry

A comemoração, este ano, do sexto aniversário da criação do Grupo Desportivo, Recreativo e Cultural da Estrela Negra, realiza-se sob o signo do reforço das relações com as Forças Armadas da República Popular e Revolucionária da Guiné.

Para este efeito, encontra-se desde segunda-feira à tarde em Bissau, uma comitiva guineense de 49 membros, formada pela conhecida orquestra musical Super Boiro Band National e por uma equipa de futebol, os «Sofas». A delegação do país vizinho é chefiada pelo Comandante Lansana Conté, chefe-adjunto do Estado-Maior do Exército, e foi recebida no aeroporto internacional de Bissau por membros do clube «Estrela Negra» de Bissau, conduzidos pelo 1.º Comandante Pedro Ramos, do CSL do Partido.

Falando acerca desta iniciativa dos responsáveis do desporto militar da Guiné-Bissau, o Comandante Lansana Conté declarou-se «bastante satisfeito por poder representar as nossas Forças Armadas e Juventude nesta festa» e de ser «o mensageiro do Partido-Estado da República da Guiné», nesta ocasião.

No quadro das festividades, o Super Boiro Band dará uma série de espectáculos pelo país e os «Sofas» participarão no torneio quadrangular de futebol.

## SUPER BOIRO BAND

Formado em 1959, isto é um ano após a independência, o conjunto Super Boiro Band National, é a mais antiga das orquestras da Guiné-Conakry. Todos os seus elementos são militares dos diversos ramos das Forças Armadas, ou militares de uniforme, como dizem os guineenses. Constituído por 16 artistas, o Super Boiro Band possui grande experiência internacional e, no plano nacional, ganhou duas medalhas de ouro, durante o nono e décimo festival cultural. Participou no Festac em Lagos e, recentemente, fez uma digressão de 45 dias pelo Benin, tendo actuado em todas as regiões deste país.

O chefe da orquestra é Mamadu Nhaissá e os restantes elementos do grupo são: Karanmadi Diawara (solista), Olype Lonzo Lelamou (primeiro acompanhador), Djelisy Kouiaté (segundo acompanhador), Amadou Diawara (terceiro acompanhador), Bamba Kourouma (viola baixo) e

entre outros.

O trio vocal, chamado «Sambesa», é constituído pelos cantores Santiba, Mbemba Bangoura e Sidibé. O Super Boiro Band já actuou em espectáculos públicos na cidade de Bafatá, na terça-feira e em Gabú, na quinta-feira. Apresentar-se-á hoje ao público de Bissau, no estádio «Lino Correia», e abrihantará um baile popular no salão de festas da Udib no dia 11 de Abril.

Por seu lado, a equipa militar de futebol, os «Sofas», é treinada por Dielimory Diabaté «Mário», antigo treinador do Syli National e do Hroya Athletic Club, equipa que venceu a Taça das Taças de África em 1978. No último campeonato de futebol da Guiné-Conakry, os «Sofas» qualificaram-se em quarto lugar, tendo empatado os seus jogos com o campeão, o AS Kaloum e com o vice-campeão, o AC de Gbessia.

Entre os seus jogadores, os mais destacados são os avançados Souleiman Keita e Kalil Touré, além de Salif Sylla (Lif), todos eles internacionais.

## ELIMINATÓRIA DE FUTEBOL

Estrela Negra de Bissau, equipa militar, e o

Benfica estarão, amanhã, em confronto para a final do torneio quadrangular de futebol em comemoração ao sexto aniversário do Grupo Desportivo e Recreativo das FARP.

Esta qualificação foi conseguida graças à vitória do E. Negra, na quarta-feira, frente ao Sofas, equipa militar da vizinha Guiné, por duas bolas a zero, enquanto que o Benfica bateu, na quinta-feira, o Sporting por 2-1.

Este torneio de amizade foi marcado pela má actuação do árbitro, bastante caseiro, do encontro E. Negra - Sofas e pela expulsão de Fidélis, guardião do E. Negra, motivado por ter retribuído uma agressão.

## Basquete feminino

### Bissau derrota Mauritânia

— O segundo torneio de basquetebol da classe feminina da ZONA-2, teve início no domingo passado, em Dakar, com a disputa do encontro Senegal-Mali, tendo o resultado sido de 80-72, favorável as senegalesas, com 56-42 ao intervalo. No segundo encontro contra a nossa representação nacional, a vitória voltou a sorrir à turma senegalesa, desta feita pela marca 89-37, com 42-22 ao intervalo. Nesta partida, Maty Loty (14 pontos) foi marcadora de serviço da formação anfitriã, enquanto Lisdália Ferreira obteve sozinha 19 pontos. O Mali derrotou, por seu turno, a Mauritânia por 151-25, com 77-12 ao intervalo. A maliana mais realizadora no cesto foi Lafia Diarra — 48 pontos, enquanto na turma mauritaniana estas honras pertenceram a Maimouna Bá — 13 pontos. Na quarta-feira passada o Mali venceu a Gâmbia por 94-53 e a Guiné-Bissau derrotou a Mauritânia por 70-24. A melhor marcadora desta vez da equipa nacional foi Eneida Voss (23 pontos).

## Era uma vez... Os jogos escolares

Contrariamente a o que anunciámos anteriormente, os Jogos Escolares, que deviam iniciar-se no passado dia 4 prolongando-se até próximo dia 11, não se realizarão este ano. Segundo informações que recebemos de fontes dignas de crédito, este facto deveu-se a falta de divisas para a compra de equipamentos e prémios para os atletas.

A direcção do Departamento e o organizador destes jogos informou-nos, que tudo estava a postos no capítulo técnico e alimentar para o início do certame, que teria a participação de 901 atletas-alunos de todo o país. Todavia, tudo foi por água abaixo, porque a Direcção da Educação deu luz verde para a criação de uma Comissão que tra-

tasse do problema de divisas junto do BNG, alegando a ausência na altura do Ministro, o que originou o atrofiamento do maior acontecimento desportivo nacional. De acordo ainda com aquela direcção, espera-se que os 800 contos que deviam ser gastos em material, sejam empregues na reconstrução do estádio Escolar.

## Tabela classificativa

	J	V	E	D	GM	GS	P
BENFICA	17	10	6	1	22	6	26
Desp. de Gabú	17	7	7	3	27	18	21
Sporting	17	8	5	4	26	16	21
U.D.I.B.	17	8	7	3	23	13	21
E.N. Bissau	16	6	8	2	29	15	20
Ajuda Sport	17	8	3	6	22	14	19
F.C. Tombali	17	7	3	7	22	24	17
Cantchungo	16	5	6	5	14	15	16
Ténis Clube	16	4	8	4	15	17	16
Balantas	17	6	3	9	20	25	15
Bula F.C.	17	3	8	6	9	15	14
E.N. Bolama	16	3	7	6	21	26	13
F.C. Quínara	17	1	6	10	15	29	8
Desp. Farim	17	1	5	11	11	41	7

## Torneio de atletismo da zona-2 em Dakar

O atletismo nacional fará amanhã, em Dakar, a sua primeira aparição nas competições internacionais da ZONA-2 do Conselho Superior do Desporto Africano, que deverão prolongar-se até ao próximo dia 11. Para o efeito, seguiu hoje para a capital senegalesa uma caravana de dez elementos, sete dos quais atletas, chefiada pelo camarada Manuel Maunde Baldé, director da Escola Nacional da Educação Física e Desportos (ENEFD).

As disciplinas de 100 e 200 metros em velocidade, 800 e 5.000 metros de fundo, 4x100 metros

estafeta e salto em comprimento, são as que apresentam maiores possibilidades de êxito, para a nossa representação, ou, pelo menos, aquelas em que se poderão estabelecer melhores marcas. Por exemplo, em 100 metros, o tempo de Braima Canté tem estado na ordem de 12 segundos, enquanto o «record» estabelecido nos últimos Jogos Olímpicos se situou nos 10 segundos. Em 800 metros, Mariano e Admir, têm gasto apenas 2 minutos; nos 5.000 metros, Saco e Leonardo (Nado), têm feito mais 5 minutos do que o

último record dos Jogos Olímpicos, ou seja 18 minutos e 40 segundos, e no salto em comprimento, a média que Rui Ferrage leva para Dakar, é de 5,90 metros.

Vejamos no entanto, a distribuição na integração de atletas por disciplinas: Braima Canté correrá nos 100 metros velocidade; Admir Pamplona Fernandes, nos 200 metros também velocidade; Mariano e Admir Pamplona, nos 800 metros — fundo; Saco e Nado, nos 5.000 metros — também fundo; Rui Ferrage, no salto em comprimento; Mariano

— Admir — Canté — Ferrage, na estafeta 4x100 metros. Todos eles são alunos da ENEFD.

Apesar de grande optimismo dos seleccionados quanto a uma participação honrosa e honesta nesta sua campanha internacional, o chefe da delegação não nos escondeu as suas preocupações sobre o estado físico dos atletas, por considerar curto o tempo de preparação (pouco mais de uma semana, saliente-se), além da inexistência de uma pista adequada para os treinos.

## Sporting/Benfica: Polo de atenções na 18.ª jornada

Quando a multidão afluí ao estádio, dando a sensação de um formigueiro na sua caminhada é porque o jogo é um Sporting-Benfica ou Benfica-Sporting. A tradição não deixará de acontecer hoje, pelas 21 horas, no estádio Lino Correia. Apesar da vantagem dos «águias» (com três vitórias e um empate

desde que iniciou a segunda volta sobre os «leões» com uma vitória, dois empates e uma derrota), alguma surpresa pode acontecer.

### A DÉCIMA SÉTIMA JORNADA

Com a sua tangencial vitória sobre o Bula

(1-0) e beneficiando dos empates do Sporting (2-2) e da UDIB (0-0), respectivamente frente a Bolama e Balantas, o Benfica galgou mais um degrau, após a 17.ª jornada. Dos dois últimos classificados, o Farim conseguiu um empate a zero bolas frente ao Cantchungo, enquanto o Quínara foi

derrotado pela E. Negra de Bissau por 3-2. Nos restantes encontros verificaram-se os seguintes resultados: Ajuda, 1 — Gabú, 2 e Ténis, 1 — Tombali, 1.

Na sua reunião apreciativa, o Conselho de Disciplina castigou os jogadores Alvaro Embaná, da UDIB, com quatro jogos de suspensão

por agressão a um adversário e Pagâncio Mendes Correia do Futebol Clube de Cantchungo, com dois jogos, por injúrias ao árbitro da partida.

Por outro lado, em conformidade com a decisão da Comissão Central dos Árbitros foram castigados quatro árbitros de futebol: José Paulo Mar-

tins, árbitro de segunda categoria, punido com 12 meses de suspensão, Marçal da Costa e Máriô Ribeiró, todos da 3.ª categoria foram punidos igualmente com 12 meses de suspensão; e por fim Justino Leal, da segunda categoria, punido com três meses de suspensão.

## Atentado contra Reagan

O presidente americano Ronald Reagan encontra-se fora de perigo, depois do atentado de que foi vítima na segunda-feira a tarde em Washington, quando saía de um encontro com sindicalistas.

«Não esperamos que a qualquer complicação» — declarou o cirurgião-chefe do hospital da Universidade «Georges Washington», que procedeu à extracção da bala penetrada no pulmão esquerdo do presidente americano. Mas Reagan permanecerá no hospital durante cerca de duas semanas.

O autor do atentado, John Hinckley, de 25 anos de idade, foi imediatamente preso e arrisca-se a ficar detido por toda a vida, a menos que o teste a qual deve ser submetido revele qualquer anomalia psíquica. Os pais de Hinckley indicaram que recebeu recentemente um tratamento psiquiátrico.

## Golpe na Tailândia

Na Tailândia, um grupo de jovens oficiais de carreira do Exército, nacionalistas e monarquistas, tomaram o poder na noite de terça para quarta-feira passada, derrubando o governo do general Prem Tinsulanonda.

Os golpistas são dirigidos pelo general Santi Chipatima, comandante chefe adjunto do Exército. Reina a calma em Bangkok, a capital, mas o chefe do antigo regime, general Prem Tinsulanonda, lançou um apelo aos golpistas a partir de Korat, sede da segunda região militar, pedindo-lhes que rendessem até às 11 horas GMT. As novas autoridades declararam não querer mudar a política externa da Tailândia, país pró-ocidental.

## Argélia promete apoio à «Linha de Frente»

O presidente Chadli Benjedid da Argélia, que efectua uma digressão por 11 países africanos, prometeu na segunda-feira o apoio total do seu país aos Estados da «linha de frente», a fim de lhes permitir ajudar os movimentos de libertação da África Austral na sua luta.

Benjedid fez esta declaração durante as suas conversações com o presidente Kenneth Kaunda da Zâmbia, onde esteve, depois de ter visitado o Mali e Angola, acompanhado por uma delegação de 12 pessoas.

A Argélia forneceu no mês passado 6 mil toneladas de petróleo aos países da «linha de frente», formado por seis Estados, desde que o Zimbabué independente se juntou a Angola, Moçambique, Zâmbia, Botswana e Tanzânia.

Na terça-feira, o chefe de Estado argelino avisou-se em Salisbúria com Robert Mugabe, Primeiro-Ministro do Zimbabué e deslocou-se no dia seguinte a Moçambique, onde permaneceu três dias, após o qual irá ao Madagáscar, Seychelles, Tanzânia, Congo, Nigéria e finalmente ao Níger.

Os 11 países visitados actualmente pelo presidente argelino partilham «uma preocupação essencial: a de assegurar, concluir e consolidar a libertação política e económica de África», como recomenda a Carta da OUA, escreveu a agência de Imprensa da Argélia, APS.

Num comentário publicado pelo diário «El-Moudjahid», a APS sublinha o facto de que a «Argélia, país africano e árabe seja, pela sua própria situação e vocação, um ponto privilegiado de encontro entre os valores, as culturas e as aspirações da África e do mundo árabe, uma espécie de ponte en-

tre duas civilizações milenárias, cuja interpenetração e complementaridade podem hoje, mais do que nunca, responder às justas exigências dos povos destas regiões».

### OUA ADVERTE OS ESTADOS-UNIDOS

A Organização da Unidade Africana (OUA) advertiu o governo americano que qualquer intervenção, directa ou indirecta, nos assuntos internos de Angola constituiria uma «violação grave» das Cartas da OUA e da ONU.

Esta foi primeira reacção da OUA ao recente pedido do governo de Ronald Reagan ao Congresso americano, no sentido de levantar a proibição de ajuda às forças rebeldes em Angola, interdição votada em 1976 e conhecida pelo nome de «emenda Clark».

A OUA precisou que todo o apoio à Unita (grupo fantoche angolano) visando destabilizar um Estado soberano membro da OUA terá consequências graves sobre as relações entre os Estados-Unidos e os países africanos.

Também o grupo africano na ONU exprimiu a sua «profunda preocupação perante o apoio declarado dado ao regime racista sul-africano pela nova administração americana».

O presidente em exercício do grupo, o camaronês Ferdinand Oyono, leu à imprensa um comunicado advertindo o governo de Washington de que «os encorajamentos e apoios ao regime racista de Pretória não podem servir a causa da paz e da estabilidade em África, nem conduzir a boas relações com os 50 Estados africanos».

## Etiópia: Educação para o povo



Durante a campanha nacional de educação revolucionária para adultos, 7 milhões de homens e mulheres etíopes aprenderam a ler e a escrever. No início da revolução socialista 97 por cento da população da Etiópia era analfabeta. Após sete anos, o analfabetismo está em vias de ser completamente eliminado. (Foto ADN)

## Nicarágua acusa Estados Unidos

O embaixador da Nicarágua em Moçambique, David Mefield, condenou, na passada quarta-feira, num artigo publicado no jornal de Maputo «Notícias», as «ameaças» e «chantagem» usadas pelo governo americano em relação ao seu país.

O embaixador Mefield acusou Washington de utilizar todos os meios, nomeadamente o corte de fornecimento de géneros alimentares e aju-

das financeiras, a fim de pressionar o seu país a não ajudar mais os rebeldes salvadorenses, e a parar de cooperar com Cuba.

O embaixador da Nicarágua acusou igualmente os Estados-Unidos de armar e de treinar antigos membros da guarda nacional do ditador Somoza, e de os infiltrar através da fronteira com a Honduras, para combater o regime sandinista.

## Regresso do Soyuz-39

MOSCOVO — A nave tripulada soviética Soyuz-39 regressou à terra após sete dias e meio em órbita.

A nave foi tripulada pelo comandante soviético Vladimir Dzhanibekov, de 38 anos, e o engenheiro da Mongólia Jugderdemidiyn Gurragcha, de 31 anos, que regressaram em excelente condição física — revelou a Tass.

A cápsula Soyuz ejetou o seu pára-quadras ao fim da manhã de se-

gunda-feira e pousou suavemente nas planícies do Casaquistão, 2400 quilómetros a sueste de Moscovo.

Os dois cosmonautas foram recolhidos por um helicóptero pouco depois da aterragem. Gurragcha, cujo país foi o oitavo da Comunidade Socialista a participar no programa soviético Intercosmos e a colocar um seu cidadão em órbita, foi condecorado com o título de herói da União Soviética.

## MOBILIZAÇÃO

MAPUTO — As autoridades de Moçambique elaboraram um programa de preparação da população em caso de confronto armado com a África do Sul. A agência de Informação moçambicana precisou que brigadas de trabalhadores, estudantes e funcionários militares e civis serão treinados no distrito de Maputo.

## SAHARA

PARIS — O representante da Frente Polisário na Europa, Fadel Ismail, denunciou e condenou o apoio francês e americano ao Marrocos. Fadel afirmou que Rabat acalenta sempre o seu sonho do «grande Marrocos» que vai até ao rio Senegal, e considera a recente tentativa de golpe de estado na Mauritânia uma «agressão marroquina».

## LIBERTAÇÃO

NDJAMENA — Cento e cinquenta antigos presos tchadianos regressaram às suas províncias de origem no sul do país, em virtude da decisão tomada pelo presidente do Governo de Transição, Goukouni Waddeye. Os 150 presos foram libertados um dia após a digressão efectuada por Waddeye ao sul do Tchad.

## EL-SALVADOR

SAN JOSÉ — Mais de 5 mil pessoas morreram desde o princípio deste ano no El-Salvador, vítimas da violência política, anunciou na terça-feira o arcebispo de San Salvador. Segundo esta fonte, a maior parte dos mortos caíram sob as balas das Forças Armadas e das formações paramilitares que lhe assistem.

## CONGRESSO

SOFIA — O 12.º congresso do Partido Comunista Búlgaro decorre desde terça-feira em Sófia. A instância suprema dos comunistas búlgaros deve fazer o balanço da actividade do Partido nos anos decorridos desde o precedente congresso, e adoptará as orientações fundamentais do desenvolvimento sócio-económico da Bulgária até 1985.

## SATÉLITE

A Índia lançará um satélite nacional no início do próximo ano, anunciou o presidente Sanjiva Reddy, durante um discurso perante o Parlamento indiano. O presidente Reddy declarou que considera a colocação em órbita do satélite «Rohini», o terceiro do país pelo foguetão SLV-3 em Julho último, como uma etapa importante na utilização pacífica do espaço pela Índia.

# PAIGC no congresso do MDP/CDE

O PAIGC far-se-á representar no IV Congresso do MDP/CDE — Movimento Democrático português — pelo camarada Domingos Brito, membro do Conselho Superior de Luta do nosso Partido, que para o efeito se deslocou a Lisboa na sexta-feira passada. O Congresso começa hoje e termina amanhã.

O convite havia sido formulado pelo Secretariado Nacional desse Partido amigo, na sequência de um contacto mantido tempos atrás entre o camarada Vitor Saúde Maria, Vice-Presidente do Conselho da Revolução, e Mário Casquilho, membro da direcção do MDP/CDE.

De acordo com as palavras do camarada Domingos Brito, são já de longa data os laços de amizade e de solidariedade entre este Partido anti-fascista português e o PAIGC, desde a nossa Luta Armada de Libertação. O MDP/CDE, juntamente com outras forças progressistas portuguesas, desempenhou um papel decisivo no

derrube do salazarismo em Portugal, e, consequentemente, contribuiu para a nossa luta anti-colonial. Domingos Brito prevê dar a sua contribuição nesse Congresso e, ao mesmo tempo, dar a conhecer aos congressistas, o processo revolucionário assumido pelo Movimento Reajustador do 14 de Novembro.

## Vasco Cabral participa na reunião da ACP

A fim de participar numa reunião ministerial da África, Caraíbas e Pacífico (A.C.P.), integrada no plano da Convenção de Lomé-2, partiu ontem para a Bélgica o Ministro de Coordenação Económica e Plano, camarada Vasco Cabral.

Esta reunião, que tem como objectivo eliminar os problemas que se colocam aos países da ACP, decorrerá de 6 a 7 de corrente mês.

Entretanto, haverá uma outra reunião conjunta ainda dentro do mesmo âmbito, em Luxemburgo, entre os países da ACP e da CEE (Comunidade Económica Europeia).

O camarada Ministro de Coordenação Económica e Plano, aproveitará esta viagem para estabelecer contactos com os governos daqueles dois países.

## Hospital de Cantchungo

A República Popular da China vai construir um hospital regional em Cantchungo, com capacidade de 100 camas e trezentas consultas diárias.

A decisão foi concretizada na passada quinta-feira, com assinatura de um protocolo de acordo entre o camarada Vasco Cabral, ministro da Coordenação Económica e Plano em representação do nosso Governo, e o embaixador da R.P. da China acreditado em Bissau.

As duas partes manifestaram o seu contentamento por mais esta contribuição no reforço das relações entre os dois países.

A cerimónia contou ainda com a presença dos camaradas Abubacar Turé, director-geral das Relações Económicas Internacionais do MCEP, eng. Leite, em representação do Ministério das Obras Públicas, Construção e Urbanismo, dr. Raul Correia em representação do Ministério da Saúde e Assuntos Sociais, e Bartolomeu Pereira, da Direcção-geral de Estudos Económicos e Planificação.

## Guiné-Bissau na OSPAA

Depois de ter representado a Guiné-Bissau na 13.ª sessão do Conselho da OSPAA (Organização de Solidariedade dos Povos Afro-Asiáticos), que teve lugar em Adem, capital da República Democrática Popular de Yémen, regressou ontem ao nosso país o camarada Alexandre Nunes Correia, secretário-geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Esta reunião que decorreu de 22 a 26 de Março, baseou-se sobretudo na análise de situação política internacional, nomeadamente a

Luta de Libertação dos Povos oprimidos, particularmente o povo do Shara, Namíbia, El Salvador, Timor Leste e Palestina.

O camarada Alexan-

dre Nunes Correia, à sua chegada, informou-nos que a Guiné-Bissau fora recebida como membro do «Presidium» da OSPAA.

## Reunificação da Coreia

ARGEL — Duzentos delegados provenientes de cerca de 80 países participaram nos trabalhos da Terceira Conferência Internacional para a Reunificação Independente e Pacífica da Coreia, que decorreu de 26 a 28 de

Março último na capital argelina.

Os relatórios apresentados pelos representantes dos países industrializados incidiam sobre «o direito do povo coreano à reunificação e os meios de o atingir, o projecto de criação de

uma República Confederal da Coreia, a situação económica e os interesses estrangeiros na Coreia do Sul» bem como «os problemas dos Direitos do Homem e a presença americana na Coreia do Sul».

Jung Sang Lee, Vice-Presidente do Partido Revolucionário para a Reunificação, denunciou, no decorrer de uma conferência de Imprensa, os atentados às liberdades democráticas por parte do regime ditatorial de Seul, manipulando segundo afirmou, pelos Estados Unidos.

## Saúde Maria em viagem pela África e Europa

O camarada Victor Saúde Maria, do CEL do PAIGC, Vice-Presidente do Conselho da Revolução e ministro dos Negócios Estrangeiros, encontra-se num périplo pelos vários países africanos e europeus.

Assim, o Vice-Presidente do conselho da Revolução visitará a Nigéria, onde será recebido pelo Chefe de Estado Shehu Shagari e terá conversações com o ministro dos Negócios Estrangeiros, prof. Ishaya Audu, com quem

discutirá a cooperação entre os dois países. «A nossa intenção é reforçarmos a nossa cooperação com a Nigéria», disse o camarada Victor Saúde Maria.

Depois da Nigéria, o camarada Victor Saúde Maria seguirá para a Tanzânia. Um país na Costa Oriental da África, mas que esteve sempre perto da nossa Luta Armada de Libertação Nacional e nos deu uma ajuda apreciável. Recordamos-se que o camarada Amílcar Cabral era ami-

go pessoal do líder tanzaniano Julius Nyerere. Em Dar-Es-Salame, o camarada ministro dos Negócios Estrangeiros avistará-se com o Presidente Nyerere.

Maputo, será a etapa seguinte nesta longa viagem do Vice-Presidente do Conselho da Revolução. Na capital moçambicana, o camarada Victor Saúde Maria, entregará uma mensagem do camarada João Bernardo Vieira (Nino), Presidente do Conselho da Revolução, ao Presidente do

Partido Frelimo e da República Popular de Moçambique, camarada Samora Machel. Serão, por outro lado, discutidas com os dirigentes moçambicanos várias questões de interesse comum para os dois países amigos.

Lisboa, será a quarta etapa da viagem do camarada Victor Saúde Maria. Nesta cidade ele entregará ao Presidente da República Portuguesa, general Ramalho Eanes a mensagem do camarada João Bernardo

Vieira e discutirá também com as autoridades portuguesas questões referentes à cooperação bilateral.

De Portugal, o ministro dos Negócios Estrangeiros segue para os países escandinavos, com o objectivo de dar continuidade às boas relações existentes com aqueles países nórdicos. Integra a nossa delegação o camarada embaixador Cândido Monteiro.

## As ilhas necessitam de maior atenção

«Fiquei bastante impressionada com a situação de abandono das ilhas e com o espírito de responsabilidade e sacrifício dos quadros que, apesar de todas as limitações, lutam para levar o trabalho para a frente» — afirmou o ministro da Saúde e Assuntos Sociais, camarada Carmen Pereira, no termo de uma visita à Região de Bolama-Bijagós. Durante cinco dias, acompanhada do secretário-geral, camarada dr. Manuel Boal e funcionários do seu Ministério, Carmen Pereira visitou as ilhas de Orange Grande, Uno, Uracane, Formosa, Canhabaque e Bubaque, onde pôde apreciar o trabalho desenvolvido pelos quadros ali colocados e discutir as dificuldades e limitações que se lhes deparam no dia-a-dia.

Aproveitando a sua estadia na região, Carmen Pereira falou às populações da situação que o país atravessa, decorrente dos acontecimentos do 14 de Novembro, e prometeu ser porta-

-voz dos pedidos por elas feitos ao Governo, quer para a distribuição a tempo das sementes melhoradas, fornecimento em produtos alimentares de forma a suportar os trabalhos da

lavoura, quer ainda relacionado com o aumento de enfermeiros e parteiras para garantir melhor assistência.

Contudo, um aspecto constituiu a tônica das intervenções do ministro da Saúde nos encontros com a população: a necessidade de aumentar a produção e diversificar as culturas, evitando assim a total dependência do arroz que de forma nenhuma pode continuar a ser o único alimento para o nosso povo. De acordo com as palavras da camarada Carmen Pereira, é preciso que o povo tenha confiança no Governo que não pode viver sem a sua ajuda,

mas que se esforce também para ajudar a levar a terra para diante, controlando os bens do Estado e lutando contra o açambarcamento de mercadorias pelos «djilas», para as irem vender nos países fronteiriços.

### NÃO QUEREMOS SER MINISTROS DE GABINETE

«Não queremos ser apenas ministros de gabinete», disse Carmen Pereira, ao referir-se às palavras da população que disse ser a primeira visita de um membro de Governo às ilhas. «Temos que ir às tabancas

conhecer de perto as realidades que o povo vive, e encorajá-lo a trabalhar cada vez mais», afirmou ela para acrescentar que apesar das dificuldades das ilhas, decorrentes das suas particularidades, a colaboração entre os diversos Ministérios permitiria resolver não a totalidade, pelo menos grande parte dos problemas que se colocam à região, cuja população sempre vive abandonada.

No respeitante à Saúde, a camarada Carmen Pereira informou que o Conselho Directivo do seu Ministério irá debruçar-se sobre o rela-

tório da viagem e estudar a forma de conseguir financiamento, através de organismos internacionais, para a reparação dos postos sanitários em estado de abandono, alguns deles iniciados pelas Obras Públicas desde 1977, como é o caso do de Formosa e não concluído a pretexto de falta de material. Também será estudada a possibilidade de aumento de pessoal nos postos que mais necessitem, enquanto se estuda o pedido de parteiras, e a concessão de bicicletas aos postos para deslocações às tabancas mais distantes.